

# *Inuvicta* *Cine*

ANO X

N.º 162



ANNY ONDRA

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50  
c<sup>o</sup>s



# Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:  
**ROBERTO LINO**  
E  
**SOUTINHO D'OLIVEIRA**  
REDACTOR PRINCIPAL:  
**ALVES COSTA**  
ADMINISTRADOR:  
**JOAQUIM TEIXEIRA**  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:  
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X  
Número 162  
PORTO  
26 DE MARÇO  
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO  
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

REDACTORES:  
LISBOA: FERNANDO BARROS  
E AGUINALDO MACHADO  
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT  
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE  
HILÉRO  
NOVA-YORK: ARTUR COELHO  
BERLIM: SIMON HAIMOVICI  
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO  
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG  
COLABORADOR ARTÍSTICO:  
FERNANDO LACERDA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## VISITE

A NOVA SECÇÃO DE  
**PORCELANAS**

DA CHINA E DO JAPÃO

## RADIO-PORTO

156 -- AVENIDA DOS ALIADOS -- 162

O "maillot" que nos apresenta Kathlyn Crawford é de veras interessante. As nossas queridas leitoras podem copiá-lo, pois cremos que certamente a fôda há-de interessar tão lindo e insinuante mo-dêlo.



## O actor de cinema em Portugal

Em Portugal, paradoxalmente à exiguidade relativa da produção, há um vasto número de artistas cinematográficos. Isto, considerando actor aquele que em qualquer película teve um papel de maior ou menor evidência e numa passagem não desapercebida. Porque, não se pode considerar um «actor» aquele figurante aparecido numa cena de baile ou qualquer outra de grande conjunto, mas que petulantemente surge por aqui intitulado-se «artista cinematográfico» até ao ponto de imprimir nos seus cartões de visita os caracteres dessa ilusão. E' que no nosso país, o ser artista de cinema chega a ser uma mania de tantos que, pelo simples facto de fazerem uma rábula, se julgam já rivais de bons actores. E se, suprimindo-se essa legião de insignificantes, nós contamos ainda um número nada pequeno de actores cinematográficos, a razão é derivada única e exclusivamente da falta de método que sempre presidiu na orientação do cinema português. Não nasce um filme nacional sem revelar novos actores que a maior parte das vezes dificilmente aparecerão em futuros filmes. Os realizadores portugueses, têm todos a pretensão de criar vedetas. Daí o recrutarem sempre gente nova mesmo para os primordiais papeis, fugindo dêste modo à criação duma escola de artistas que uma mais larga prática e experiência aperfeiçoassem em sucessivos trabalhos. Não me esqueço da necessidade de, por vezes, os directores se verem forçados a assim proceder pela exigência dum tipo inexistente em actores já conhecidos, a verdade, porém, é que tantos papeis dos nossos filmes desempenhados por novos podiam ter sido confiados a outros com experiência.

Este mal é sina dos nossos artistas. O ano passado quando a «Paramount» se lembrou de fazer aquelas três versões portuguesas, o facto manifestou-se uma vez mais em desfavor dos artistas espe-

cializados e já aparecidos em filmes portugueses. Os seleccionadores das figuras interpretativas levaram aos studios da Paramount de Paris, unicamente actores de teatro que salvo raríssimas excepções resultaram uns rasoáveis fiascos e os melhorzinhos não conseguiram todavia evitar absolutamente a influência do palco. Cinema falado não é Teatro.

Esta atitude da grande empresa americana não nos fez estranhar; compreendemos nitidamente a sua táctica, voltando-se para os actores mais populares. E realmente por cá os de teatro são mais conhecidos do que os do cinema. Aqueles embora num âmbito de divulgação mais reduzido fazem uma carreira mais insistente no palco, enquanto êstes dada já a escassez da produção se vêem quasi sempre atirados ao olvido e sem trabalho portanto.

Pensa-se agora na criação duma cadeira de Cinema no Conservatório de Lisboa.

A ideia é interessante e oxalá ela frutifique. Embora sejamos de acôrdo que o artista não se pode fazer, da mesma forma que não se faz um poeta ou um escritor à força de estudo, torna-se irrefutável que os conhecimentos técnicos das mil e uma minudências da técnica e da arte preparam muito melhor o artista para se desenvolver no seu campo. Assim passando a existir em Portugal uma cadeira onde todo o cinéfilo apaixonado pela arte interpretativa ou actor possa adquirir bases para fortificar o seu trabalho, é de esperar daí uma futura pleiade de artistas a imporem-se como elementos de valor para a obtenção dum trabalho mais intenso, tocando talvez o profissionalismo.

Porque até hoje como se tem andado, qual seria o actor que não teria morrido de fome se pensasse comer do trabalho no cinema?!

# FANTOMAS de novo no cinema

## O Fantomas de ontem—o filme de terror—o Fantomas de hoje

Falar de Fantomas, dêsse Fantomas cinematográfico que ha uns bons pares de anos andou de bôca em bôca nas gentes entusiásticas do cinema, é rememorar a mais espantosa figura do crime imaginada até hoje. E' reviver aos olhos de todos os que o viram, essa figura terrificante de bandido, verdadeiro génio do mal, concebido pela imaginação de Souvestre et Allain e criada no cinema pelo falecido Louis Feuillade para a velha «*Gaumont*».

Muitos devem recordar-se ainda dêsse primeiro filme policial em séries, exibido há mais de uma dúzia de anos, quando o cinema ganhava entre nós fóros de espectáculo verdadeiramente popular. René Navarre, nome ligado a tantas películas francesas de carácter policial, foi o criador inolvidável dêsse fantasmagórico e calafriante personagem aterrador de Paris e outros cantos da França, com as suas tenebrosas e estudadas façanhas de crime.

Esse embuçado diabólico, encontrava, mesmo na prisão, meio de prosseguir nos seus crimes espantosos. Era um homem capaz de fazer desaparecer o glôbo, se tanto fôsse necessário, para depistar as suas maquiavélicas façanhas. A sêde do roubo e do crime minavam-no com ideias geniais e temerosas a que não resistia.

Conceber e realizar eram a sua única preocupação. E assim, atravessava o mundo aterrorizado, frio e impassível na sua obra desoladora.

Fantomas o homem enigma está em tôda a parte e ninguém o vê. A policia procura-o aturadamente, sem cessar, mas não o encontra. Dá-se um crime, dá-se um roubo, tudo em circunstâncias misteriosas; tôda a gente o sabe: foi Fantomas. Mas êle não aparece, não deixa o mais leve rasto.

Fantomas emerge agora dêsse túmulo temporal de olvido. Vai surgir-nos aos olhos de nôvo, numa visão mais tétrica com certeza, porque o ajudam novos elementos; o som e a palavra.

Com o advento do fonocinema repisam-se assuntos já estafados no belo reinado do silêncio.

As fitas mais predominantes que marcaram uma época de divulgação jámais esquecida no seio popular, fôram então as do género policial folhetinesco e as célebres aventuras de cow-boy no oeste americano, as quais,

com o tempo e a super-abundância, cançaram e passaram quási de moda. Mas, ante o «falado», as emprêsas lançam-se de novo nos velhos caminhos da produção de filmes com temas desusados ultimamente, por já muito batidos. Enquanto umas se esforçam de produzir as *westerns*, outras tratam de pensar na composição de «*Os mistérios de Nova York*», de «*Arsênio Lupin*», e de «*Fantomas*». E' o velho cinema que ressuscita canoro e fluente.

\* \* \*

Lembro-me de têr escrito há tempos para uma publicação da especialidade um artigo sôbre os filmes de terror e nêle antevia eu o maravilhoso efeito da sonorização aliada à magia luminosa das imagens. Algum tempo depois tive ocasião de constatar as minhas previsões ante o *Dr. Fú Manchú*, êsse abominável símbolo do ódio amarelo em vinganças consecutivas. O som é, incontestavelmente, um elemento de valor sôbretudo nos filmes desta espécie. O grito de Siva, de *Fú Manchú*, dava de facto a nítida impressão de horripilantes acontecimentos em eminência e infundia terror. Em *Matou!* o assobio

do assassino revelava o doente. E o julgamento, assim como aquela mãe ansiosa a chamar pela filha que nunca mais chega, sem o «sonoro», que de convicção e domínio não perderiam essas cênas!

*Fantomas* no tempo já distante em que passou, era um filme rudimentar. Não havia sequer os primeiros passos que mais tarde levaram à «implantação» dum estilo geral cinematográfico, depurado nos últimos tempos do mudo, em requinte de verdadeira arte da expressão, com aspectos variados e diversos. Era teatro filmado como tôdas as fitas do seu tempo. O seu valor residia no tema, unicamente no enrêdo espantoso a espicaçar a curiosidade geral.

O *Fantomas* de hoje conta com meios de expressão absolutamente superiores, desde a fotografia à sonorização. Isso faz-nos esperar uma obra de valor, tanto mais, estando a sua «mise en scène» confiada a Paul Féjos, o realizador dessa apreciável história sentimental intitulada *Solidão*, e cuja

(Conclui na pág. 14).



# Greta Garbo em INSPIRAÇÃO

Um super filme da M. G. M. a exhibir brevemente no Aguia d'Ouro

Yvonne... Alta, loura, muito branca, muito fria... Corpo esguio e sinuoso. Rosto lindo, enigmático e sensual... Cabelos de Champagne... Elegância requintada, maravilhosa e exótica como ela própria... Yvonne! A favorita do «grand monde» de Montmartre. Yvonne, misteriosa, deslumbrante e formosa... Yvonne, a fascinação de Paris, a inspiração sublime de homens e artistas. A inspiração das mais perfeitas obras de arte parisienses. De pinturas, estátuas, romances, músicas e poemas...

E assim fascinantemente, bela, serena, fria, queimando, porém, os corações. Yvonne era a «única», de Paris. Os seus vestidos deslumbrantes, eram comentadíssimos. E mais ainda os seus «affaires d'amour»...

Yvonne, irresistível e soberana incondicional no coração dos homens, entrou assim na vida de André, um estudante recém-chegado da província, um jovem pintor sonhador. Fascinou-o. Mas também se sentiu fascinada. Era o amor que chegava, impetuoso, ardente e avassalador.

Para André, a beleza serena e divina de Yvonne, o seu luxo estupendo, a sua imagem etérea e misteriosa, foi uma inspiração única e também uma paixão ardente. André amou-a. Yvonne passou a ser o seu vício parisiense, a sua embriaguês loura, a sua obsessão amorosa, enfim... Para êle não existem nem louras Gabys, nem heraldicas Lianes, nem mesmo Madeleine, sua delicada noiva que o espera sonhadora na província. Os compromissos de família, a sua palavra empenhada, também nada representam para André. Yvonne, só Yvonne, a sua morena parisiense perfumada à Chanel, com sabor de mistério, existe para êle.

Yvonne, por sua vez sentiu o sabor da felicidade. E imaginando a ventura de uma «vila» florida, num «banlieue» solitário, os longos crepúsculos perfumados de rosas, e o amor de André, ela numa ousada tentativa, para conter o amor do seu adorado, e para que êle esqueça o seu meio de vida, tudo abandona. Só quer o amor de André, e por uma modesta «vila» ela troca o seu luxo principesco, joias, brocados, festas orgiâcas, luminarias de Paris, o mundanismo capitoso de Mont-

martre, Bois de Boulogne, Champs Elysées, Auteuil...

Torna-se simples, modesta, e ainda mais abre a sua alma, a André. Procura tornar-se o tipo de mulher que julga ser o preferido pelo seu jovem amante.

André, porém, sentiu-se ferido por uma desilusão. Tortura-lhe o pensamento a ideia dos outros amores sem conta da vida dela...

E sufocando a paixão que sente por ela, êle declara-lhe brutalmente que deve abandoná-la... Tem a sua palavra empenhada, tem a sua honra de família, tem o seu brio de homem. Tem uma noiva à sua espera...

O choque para Yvonne foi rude e cruel. Feriu-a profundamente. A loura, diafana e fria estátua, também tinha uma alma, uma alma sincera, de sensibilidade delicada. E Yvonne que tudo abandonara por André, Yvonne que fôra sincera uma única vez, Yvonne que amava, verdadeiramente, ficou absorta, ferida, sentindo o seu coração despedaçado.

Mas Yvonne seguiu André. Quer ao menos um olhar do seu amado como esmola. E assim, oculta, ela perseguiu os seus passos, muitas vezes...

André sente um turbilhão de pensamentos no cérebro. Não pode, bem o sente, abandonar a sua Yvonne. Ela é mais do que a sua própria vida. E é por isto que, certa vez, tomando conheci-

mento do suicídio de uma jovem, se sentiu assaltado pelo receio de que alguma tragédia se premeditasse no íntimo de Yvonne. Só o pensamento de um suicídio o tornou louco, e aflito, ansioso, êle voltou para os braços da sua Yvonne, mais apaixonado do que nunca por sua inspiração suave e adorada.

Por ela, seu único amor, êle abandonará tudo na vida, noiva, compromissos, futura carreira diplomática, tudo!

Mas o amor de Yvonne é grande demais para que ela aceite as ofertas apaixonadas de André. Ela resignou-se com a sua ausência. Ela bem sabe que será a ruína da sua vida e da sua carreira. E' preciso que êle considere o seu futuro. E' preciso que êle siga sempre para a frente. Ela, Yvonne... não tem futuro, mas

(Conclui na página 14).



# CARTA DA AMÉRICA

POR ARTUR COELHO

## «O Homem que Matei»

Entre as produções que a *Paramount* ultimamente estreou em Nova York, coube ao filme «O Homem que Matei» o unânime conceito da crítica periodista, que o apontou como uma das mais bonitas, bem pensadas e bem executadas obras da moderna cinematofonia.

Extraído da obra de Maurice Rostand «L'Homme Qui Assassina», o libreto cinematográfico foi organizado pelos conhecidos libretistas de «O Tenente Seductor», Samson Raphaelson e Ernest Vajda, responsáveis de outras obras de fôlego, executadas pela *Paramount*.

O argumento de «O Homem que Matei», muito bem urdido, elva o espectador de um transporte emocional a outro, até ao suavíssimo epílogo, em que Lubitsch pôs todo o seu génio directivo. Simples e de todo possível, a história do filme baseia-se naquêl período do fim da guerra mundial, sem entretanto incluir nas suas cenas grandes lances bélicos. É mais um romance psicológico, que estuda a reacção dos acontecimentos trágicos que abalaram as duas nacionalidades rivais — França e Alemanha — tipificadas nos seus dois personagens: o Dr. Holderlin, interpretado por Lionel Barrymore, e Paul (Phillips Holmes), o jovem soldado francês, que em batalha matára Walter, jovem alemão filho do Dr. Holderlin.

«O Homem que Matei» é um filme de élite dêsse que têm conquistado para o cinema sonoro as simpatias das pessoas que pensam. O filme abre com uma cerimónia religiosa numa grande catedral. É a solenidade sacra da celebração do Armistício. Terminado o sermão e lançada a bênção sacramental sôbre aquela multidão de cabos de guerra cansados de matar, esvasia-se a igreja. A câmara prodigiosa de Lubitsch dá-nos agora, com os sons de órgão que morrem nos desvãos sonoros da grande nave, um ponto branco, lá ao centro, entre as bancadas, ponto que a nossa vista não distingue o que seja: podendo ser um lenço ali esquecido, uma carta, qualquer coisa alvinitente. Mas a câmara vai num «traveling» suave aproximando o nosso fôco visual do

objecto que nos prende a atenção. Por fim, reconhecemos agora o que é: são duas mãos fechadas sôbre a cabeça de um jovem que ficara a orar. O rapaz é Paul, o «poilu» francês, cuja atormentada odisseia mental acompanharemos durante todo o filme.

— Socôrra-me, padre! Aquêles olhos acusam-me e não se apartam de mim! Eu matei um homem, e não posso esquecer o meu crime...

— Mataste? inquire o padre a quem Paul se dirigira.

— Assassinei-o, padre, e não encontro perdão para mim.

— Mas por que o mataste?

— Por nada... sem razão! Eu era feliz.. Dedicava a minha vida à música. Era violinista numa orquestra.. Queria trazer beleza ao mundo — e em vez disso, trouxe o crime! Foi assim: eu era soldado francês, êle — soldado alemão.. (Aqui a câmara de Lubitsch dá-nos um «dissolving» da cena em que Paul, cêgo pelo demónio da guerra, mata Walter, um jovem alemão, violinista como êle, a quem um patriotismo vêsgo arrastára às trincheiras, para a defesa de ideais políticos).

— Afliges-te inutilmente, meu filho.. A tua consciêcia está limpa. Não cometeste crime nenhum — cumpriste o teu dever...

Aconselhado pelo padre, Paul vai à cidadezinha alemã, afim de pedir perdão aos pais de Walter pelo seu aparente crime. Chegando lá, Paul encontra no velho casal germânico como que a personificação de seus próprios pais, e sem coragem de lhes revelar o fim da sua visita, é recebido na família como o filho desaparecido na guerra, de cuja falta os velhos ainda se resentem.

Nancy Carroll, a penalizada Elsa, noiva de Walter, vive com a família, como filha... Como consequência natural da grande amizade que Paul inspira aos velhos, por ter sido amigo de Walter, como o rapaz lhes fizera crêr, nasce também profunda amizade entre Paul e Elsa. Volvidas algumas semanas, no seu desespero íntimo, Paul sente-se torturado pela triste verdade que ainda guarda consigo, sem a coragem necessária para a revelar aos velhos. É a Elsa, por fim, que êle confessa, depois de se terem confessado em amor, que é o assassino de Walter.



Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald em «Uma hora contigo»

Horrorizada, Elsa quer enxotá-lo de casa, expô-lo à ira e ao desprezo da população da cidade, renegá-lo de si para sempre. Mas, lembra-se da felicidade dos dois velhinhos, aquêles que vêem em Paul uma como ressurreição do filho morto pela guerra, e então, mais dócil, mais meiga:

— Que farias, ao sair daqui? Irias suicidar-te, para dares a entender a êles quem és? Não, Paul; isso seria matar Walter duas vezes... Fica, e que êles, êsses dois velhinhos, nunca, jámais suspeitem da verdade...

Aqui vêm surpreendê-los os velhos. O Dr. Holderlin, abraçando Paul e chamando-lhe filho, entrega-lhe o violino de Walter:

— Toma; dá-nos a alegria que se foi com êle...

E Paul, acompanhado por Elsa ao piano, executa uma linda balada de Schumann, enquanto os dois velhinhos, com os olhos marejados de lágrimas, escutam-no enlevadamente...

Esta última parte do filme, que é quasi toda preenchida pela música, dá-nos ainda uma linda demonstração da arte directiva de Lubitsch: quando Paul começa a tocar, ouve-se tão sómente o violino, Elsa estando ainda contristada pela revelação que lhe fizera antes o rapaz. Mas, aos poucos, domina-na os acordes do instrumento, e ela, agora sôb uma súbita inspiração, vai ao piano, que há três anos estivera mudo, e abrindo-o, ouvem-se agora, sem que a vejamos na tela, as notas do piano a mesclarem-se nas do violino — de onde tirámos a compreensão de duas almas que se completam...

São coisas como esta, que fazem de Lubitsch, sem nenhum favor, o maior e mais profundo realizador do cinema sonoro.

### O «Minuto» biográfico (Frances Dee).

Cá está uma linda californiana... Por ter nascido na terra do filme, haverá quem pense que lhe não deu trabalho a entrar nos estúdios e começar a fazer fitas. Mas, assim não foi. Miss Dee passou pelo seu aprendizado necessário.

Tendo a sua família mudado de residência, indo morar em Chicago, lá recebeu Frances a sua educação nas escolas públicas e depois na Chicago University. Regressando a Los Angeles, entrou num concurso organizado pela Fox para o aproveitamento de jovens colegiais no cinema. Miss Dee concorreu e saiu vencedora — como «extra» de primeira linha. Algum tempo se manteve como figurante, mas um dia surgiu-lhe a grande oportunidade de aparecer ao lado de Maurice Chevalier em «O Café do Felisberto». E desde então, tão apreciáveis têm sido os seus progressos, que hoje ela figura entre as mais queridas pequenas da tela. O seu trabalho em «Uma Tragédia Americana», filme dirigido por Sternberg, conquistou-lhe um renome tão merecido quanto inesperado. Frances Dee tem olhos azues e cabelos castanhos.

### Os Irmãos Marx preparam-se para uma nova comédia.

Depois do seu formidável êxito, na América, com o filme «Monkey Business», preparam-se os irmãos Marx para uma nova comédia.

Sem sabermos ainda dos seus pormenores, podemos adiantar que a peça já foi definitivamente baptizada: chama-se «Horse Feathers», ou, galhofeiradamente, «pluminhas de sendeiro»...

Mas onde já se viu um cavalo ter plumas!; exclamarão alguns leitores, desiludidamente. Penas de cavalo, tem graça!

— Tem, sim, senhor; e a graça está nisso — em os cavalos não terem penas.

### Irving Pichel renova o seu contrato.

A Paramount renovou o contrato de Irving Pichel, o esplêndido artista que tão soberbas interpretações nos deu em «Uma Tragédia Americana», «A Ludibriada», «Two Kinds of Women», «O Milagroso» e outros novos filmes da Marca das Estrélas.

O que mais curioso há na notícia que nos chega da Califórnia, é que Mr. Pichel, pelo seu novo contrato, trabalhará como actor e como director de filmes, sendo que, nesta última categoria, bem poucos dos seus admiradores o colocariam.

No entanto, não é êle um novato na arte de realizador cinematográfico. Nos próprios filmes Paramount deste princípio de ano, lá está o seu nome como director de «The Road to Reno» e, antes dêste, tinha êle dirigido «O Direito de Amar», com Ruth Chatterton.

Mr. Pichel tem no «O Milagroso» o papel de um ateu e na «Tragédia Americana» é êle o promotor da justiça.

### Chevalier-MacDonald na Nova Produção «Uma Hora Contigo».

A nova fita de Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald vai estrear-se brevemente em Nova York.

«Uma Hora Contigo», produção de Ernst Lubitsch, é um filme de verve irresistível, real e bem vívido em tôdas as suas



Uma cena do «Homem que matei», com Nancy Carrol e Phillips Holmes

passagens, com a adorável Jeanette, a graça e a sedução em pessoa a desempenhar um papel de esposa devotada, e Chevalier, que no filme faz as vezes de um facultativo, a tomar fartas doses dos seus próprios xaropes contra as «paixonites» graves e agudas.

Charles Ruggles, num papel de «grandes surpresas» amorosas, sustenta a parte cômica desta fita.

### Adolph Zukor é agraciado pelo governo francês.

Mr. Adolph Zukor, Presidente da Paramount Publix Corporation, foi há pouco agraciado pelo governo francês com a alta comenda da Legião de Honra.

A insígnia daquela Associação cívico-militar da França foi-lhe oferecida com solenidade, no gabinete de Mr. Zukor, em Nova York, pelo cônsul Henri Job, que representou o governo francês.

Essa alta honra conferida a Mr. Zukor deve-se à sua esforçada actuação em prol de uma mais estreita e cordial união entre as indústrias cinematográficas dos Estados-Unidos e da França. Como se sabe, a Paramount mantém em Joinville, perto de Paris, um estúdio inteiramente dedicado à produção de filmes em línguas estrangeiras, especialmente em francês.

### Dentro de Fóco — Mais ou menos...

O filme de Ernst Lubitsch «O Homem que Matei» saiu do cartel do cinema Criterion, na Broadway e fez ainda uma semana de programa no cinema Paramount, que fica do outro lado da rua, fronteiro ao Criterion.

«Tu Serás Mãe» é o título definitivo que teve em português o «Tomorrow and Tomorrow», a mais recente produção de Ruth Chatterton. Paul Lukas, o incansável actor, faz naquela produção o papel de um médico vienense de grande renome.

Ralph Holmes, irmão de Phillips, recusou há pouco fazer dois tests para se iniciar na carreira cinematográfica. Phillips Holmes aconselhou ao irmão, que tem apenas dezessete anos, que devia esperar mais algum tempo.

O grande filme de Pabst, «A Tragédia da Mina», está sendo exibido com retumbante sucesso em Saint-Etienne, França. Entre os habitantes dessa povoação existem cerca de 30.000 mineiros, os quais têm prestado grande homenagem a essa produção. — L. DE B.

# Como Bebé Daniels nos conta a sua vida

Bebé Daniels, foi, no cinema silencioso, uma das «estrêlas» mais queridas das nossas plateias. Aquele pequenino corpo de mulher, franzino e nervoso, que possui um sorriso que surpreende pela «malícia», a contrastar com aqueles olhos tão lindos e gaiatos, conseguiu logo nos primeiros filmes conquistar o público mais exigente. Ninguém esqueceu decerto o seu estupendo trabalho em «Caçadores de Imagens», no papel dum azougado repórter, que na cena da dança dos apaches atingia o máximo da graça, proporcionando-nos uma das «coisas» com mais espírito que temos visto no cinema.

Ninguém olvidou ainda a formidável criação de Bebé no «Neto do Zorro», na qual a grande artista evidenciou os seus excepcionais dotes artísticos e desportivos, tendo Douglas Fairbanks visto neste filme completamente imitado o seu método de trabalho. O Cinema Sonoro ainda não nos trouxe Bebé Daniels na posse do seu brilhante talento. *Rio Rita*, produzido na infância do Sonoro não pôde satisfazer os inúmeros admiradores da «estouvada» Bebé.

Esperamos com natural ansiedade o filme *A corrida para a Lua*, em que a simpática artista tem por companheiro Douglas Fairbanks.

Esse filme que promete ser um dos maiores triunfos desta época, já nos poderá proporcionar a ocasião de apreciarmos o enorme poder interpretativo de Bebé Daniels.

E como a «agarotada» «estrêla» possui um grande contingente de admiradores, vamos dar-lhes uma auto-biografia de Bebé Daniels, em que esta artista, de descendência espanhola, nos conta minuciosamente a sua infância.

«Meu avô — diz ela — era consul dos Estados Unidos da Colombia, quando conheceu a que havia de ser sua esposa. Ele chamava-se George Butler, e era um belo carácter. Sua noiva, filha do Presidente da Colombia, chamava-se Eva Guadalupe. A sua extraordinária beleza impressionou profundamente o diplomata Iankee; foi, como se diz na Espanha; um «flechazo»...

O casamento foi imediatamente decidido; porém naqueles tempos e naquele país católico, por excelência, os casamentos não podiam ser celebrados com a rapidez a que nos acostumamos hoje. Os costumes eram — e continuam sendo — diferentes dos nossos; os casamentos devem ser anunciados com algumas semanas de antecipação, o tempo necessário para prepararem as solenes cerimónias religiosas e os alojamentos para os convidados, procedentes dos mais afastados recantos do país. Quão diferentes dos nossos costumes actuais! Aqui, nos Estados Unidos, para ser realizado um casamento são necessários cinco minutos, quando muito! Oh! como seria feliz se tivesse vivido naqueles tempos...

Para que nada faltasse à romântica aventura, meu avô esteve a ponto de morrer antes de ver efectuado o seu venturoso sonho de amor. Dois dias antes do casamento recebeu ordem do seu governo para viajar para o interior do país, para a Antiochia, onde vigiaria umas obras que se faziam por conta dos Estados Unidos. O meu infeliz avô viu-se ante um grave dilema; tinha que escolher entre o amor e o dever. O casamento realizou-se, porém, sem

o noivo, que foi representado no acto por um amigo.

Enquanto isto sucedia na capital, meu avô não perdeu a vida por um verdadeiro milagre. Empreendera a viagem a Antiochia por via fluvial.

O rio Madalena estava convertido em torrente, devido às fortíssimas chuvas, e a frágil canôa que o conduzia, chocou-se contra uns rochedos, no mesmo instante em que sua esposa ante o altar lhe jurava amor eterno!...

Meu avô salvou-se após várias horas de luta e angústia, graças ao seu vigor e à abnegação do índio que o acompanhava.

Minha mãe nasceu na Colombia, na própria casa do consulado norte-americano, o que lhe proporcionou a alegria de ser cidadã Iankee, embora viesse ao mundo em território estrangeiro. O seu génio era uma mescla da aristocracia herdada de seu avô, cujos antepassados, ingleses e franceses haviam emigrado para os Estados Unidos. Minha mãe, jovem, bela, inteligente e com esmerada educação, devido a dificuldades financeiras, teve que ingressar na vida teatral aonde rapidamente conseguiu triunfar. Nele



Bebé Daniels e Douglas Fairbanks em «A Corrida para a Lua»

conheceu aquele que havia de ser seu marido, Mr. Phyllis, empresário de uma companhia.

No ano seguinte, no dia 14 de Janeiro de 1901, vim ao mundo. Dias depois estreava-me no teatro! Naturalmente, o papel que me foi reservado era dos mais simples: tinha apenas que chorar, coisa que devia saber fazer com perfeição. Tinha, então, quatro semanas de existência.

Aos sete anos era já uma mulherzinha. Naquela época tive a minha primeira aventura amorosa. Apaixonei-me loucamente por um rapaz italiano, que usava colarinhos de celuloide; aos meus olhos ele era o verdadeiro Petrónio.

Lewis Stone era o primeiro actor da companhia e Bebé recorria sempre a ele para que o galã com colarinho de celuloide, pudesse assistir ao espectáculo sem pagar...

O director de uma empresa cinematográfica, sentiu-se atraído por aquela pequenina actriz, que bem podia dar lições de naturalidade a muitas «estrêlas», e ofereceu-lhe um lugar na sua companhia.

O seu primeiro papel no écran foi em *Common Enemy*. Betty Hart e Frank Montgomery eram as



Bebé Daniels em «Dixiana»

«estrêlas»; Frank Boggs, o realizador. Ao fim de pouco tempo era contratada pela «New York Motion Pictures». Então — diz Bebé — ascendi de categoria. Começaram a filmar histórias do Oeste. Naturalmente eu era a clássica menina roubada

pelos índios, e Hoot Gibson, o eterno herói, que me salvava.

Vivi então no melhor dos mundos!

E para completar a minha felicidade, minha mãe que se convertera ao cinema, estava comigo.

Harold Lloyd precisava de uma leading-lady jóven para a sua companhia e os amigos recomendaram-lhe Bebé. Harold chamou-a pelo telefone. Não a conhecia e esperava avistar-se com uma mulher... Quando viu Bebé com os seus doze anos escassos, com tranças e o vestidinho acima dos joelhos, julgou que os seus amigos se divertiam à sua custa.

Bebé desenganou-o. Vestiu um vestido comprido e ensaiou diante da máquina fotográfica várias cenas de amor. Harold aceitou, encantado, a nova companheira. Quantos filmes fizeram naquela época?

O cálculo é impossível...

Trabalhavam incessantemente em filmes curtos e produziam um, todos os meses.

Depois de uma triunfal carreira na Paramount, que elevou o seu nome a paragens mais altas, Bebé veio cheia de glórias para a constelação da «Warner Bros-First National Pictures», depois de uma ligeira passagem pela *R. K. O.* onde «posou» a famosa opereta *Rio Rita* e *Dixiana*.

Para Warner Bros Bebé Daniels fez *Mulher entre amigos* (*My Past*) *O Falcão Maltez* (*Malteze Falcon*) e *Honor of the Family* um drama de tremendas emoções. E com este filme a grande artista elevou o seu já célebre nome aos páramos do triunfo, inscrevendo-se no grupo das «estrêlas» mais famosas de Hollywood.

J. A. T.

Buck Jones, que ultimamente esfeve em New York, teve uma grande manifestação por parte da petizada daquela cidade. Logo que aquele conhecido artista regressa a Hollywood começará a filmar em «Gun Justice».

Ursula Parrot, popular autora das novelas «A Divorciada» e «Os desconhecidos podem beijar-se», escreveu recentemente «Lance de Amor» que a *Columbia* está produzindo. Dorothy Mackaill, é a protagonista.

Por iniciativa do governo fascista, inaugurou-se em Roma o «Cine Club de Itália». Nesta agremiação serão exibidos aos seus associados os maiores filmes editados em todo o mundo, inclusivé aqueles que a censura tenha proibido.

Guido Brignone, começou a filmagem, nos estúdios da «Cines», da sua nova produção intitulada «Pergolesi».

Este filme tem por argumento a vida do maestro Pergolesi, sendo o principal intérprete da versão italiana Elio Steiner e da francesa Pierre R. Willm.

# CINEMA CLÁSSICO

## CHARLOT

### AO

### SOL

Num destes últimos domingos, desses domingos de frio cortante e de atmosfera acinzentada que imprime à cidade um ar de estupidez e monotonia, saí sem saber para onde ir. Por fim, tive uma ideia: — iria percorrer os bairros dos cinemas mais excêntricos. De facto, dirigi-me para Campanhã. Debaixo, observei a longa recta que é Pinto Bessa na qual divisei duas aglomerações, representativas dos locais dos cinemas, cujos espectáculos momentos depois iam começar. A' medida que me ia aproximando, verificava que a frequência dessas casas de espectáculos não varia na razão directa da distância ao coração da cidade. Efectivamente, às centenas de pessoas que pela artéria se encontravam, anteviam-se regulares enchentes.

Ao passar pelo Pinto Bessa, um dos dois cinemas da rua que lhe deu o nome, parei involuntariamente, atraído pelo aspecto que se oferecia: à direita uma quilométrica *bicha* de gente que tem as mãos calejadas por uma semana de trabalho árduo, — mas que, não obstante, para ali acorre porventura com mais consciência do que o *outro* chamado grande público — aguarda impacientemente a oportunidade de ocupar os melhores lugares; à esquerda um volumoso grupo que observa atentamente as fotografias dos filmes a exhibir; e ao centro e por toda a parte inúmeros indivíduos que discutem se o Al Hoxie terá mais força que o Marcus.

De súbito, reparei num grande cartaz exposto, representando Charlot com o inseparável côco e a habitual bengalinha. De tal modo se me aguçou a curiosidade que não resisti a indagar de que obra se tratava.

Era duma farça em três partes, intitulada *Charlot ao Sol*. Ótimo, e tanto mais quanto é certo que se tratava, segundo creio, duma importante estreia — pelo menos no Porto — e muito principalmente para aqueles que, como eu, têm seguido de perto a extraordinária evolução do Magno Artista. Se bem me lembro, fui o primeiro a encafuar-me na popular sala e a verificar que a única fita para mim interessante era precisamente a última a ser exibida. A permanência ininterrupta de três horas e meia naquele recinto em nada esmoreceu o entusiasmo que nutria pelo inédito filme. Finalmente, ao cabo de diversas *westerns*, actualidades, comédias, etc., surgiu na tela a apresentação da aguardada película, que se fez preceder duma tal vozeria, palmas e exclamações, que a orquestra, que havia irrompido num alegre *pasodoble*, fica um sem número de vezes sobrepujada pela sonora satisfação da assistência.

A fita em questão — que presumo ser da Série Mutual — deve ter uns quinze a dezasseis anos. Contudo, como todas as películas de Chaplin, não envelheceu; pelo contrário, o ineditismo e a graciosidade de certos *gags* contribuíram para que amiúde se desencadeassem verdadeiras tempestades de gargalhadas. Pena é que a inconstância da fotografia e a rapidez de certas cenas denunciasses a relativa antiguidade duma película, de que, apesar de tudo, muitos realizadores ainda hoje podiam tirar proveitosos ensinamentos.



O argumento versa a vida atribulada dum caixeiro de mercearia, em que, como é fácil de deduzir, se desenrolam as mais inopinadas peripécias e às quais Charlot empresta o máximo da sua engenhosa fantasia.

CAMILO DE VASCONCELOS.

---

## Uma organização interessante

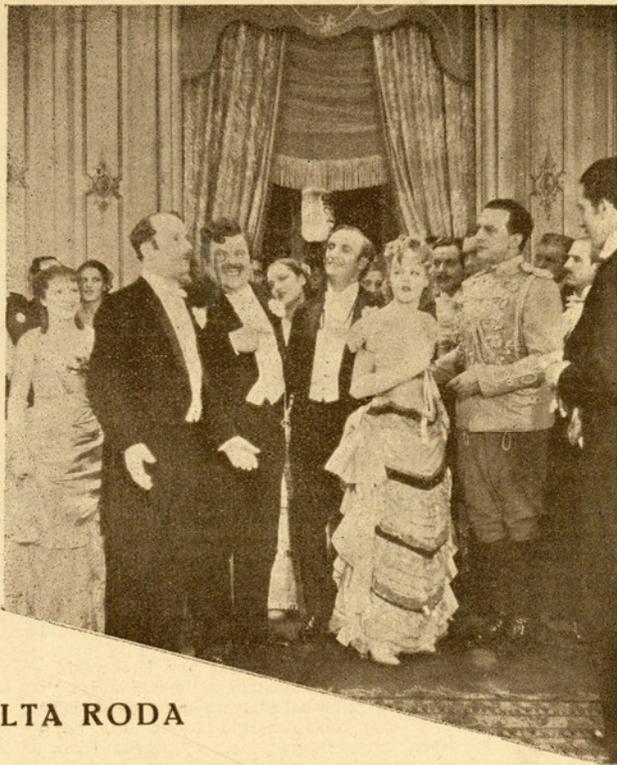
---

### O quinzenário cinematográfico de «O Século»

Na passada segunda-feira, o jornal «O Século», de colaboração com a Empresa do Cinema Aguia d'Ouro, realizou uma matinée extraordinária para a exibição particular do documentário da visita de Sua Excelência o Sr. Presidente da República a esta cidade, tendo convidado a assistir altas individualidades civis e militares, jornalistas, etc. O filme apresentado, de uma oportunidade flagrante, agradou sobremaneira a todos os assistentes. De facto, atendendo às enormes dificuldades que sempre surgem, muitas vezes criadas por aqueles que tinham o dever moral de facilitar a acção de quem, numa terra de comodismo e indiferença, procura realizar algo de geito. E há-de ser sempre assim, todas as iniciativas onde encontrar contratempos vários, para os quais será necessária uma grande perseverança para os poder evitar. No entanto, o citado documentário, possui aspectos curiosíssimos, tendo Aníbal Contreiras, procurado, com intercalações de várias vistas do Porto e de Leixões, evitar um possível cansaço no público pela sucessão das inúmeras cenas das manifestações. A destacar, logo no início, aquela tomada de vistas do aeroplano voando sobre o comboio que conduzia a comitiva presidencial. A seguir, convém sublinhar aqueles aspectos do mar revolto, os soberbos contra-luzes, as vistas sobre o rio Douro, a largada de pombos em Gaia, o castelo de Leça visto através daquela porta, em que a fotografia é de uma nitidez surpreendente. Além destas, há mais cenas que dão um grande valor a esta iniciativa do jornal «O Século» digna de louvor sob todos os aspectos.

Aníbal Contreiras teve também a coadjuvância do operador portuense Adolfo Quaresma.

E' digna também de elogio a esplêndida sincronização feita do filme por Manoel Vilas, competente operador do Cinema Aguia d'Ouro, que não se poupando a esforços e lutando com enorme falta de tempo, conseguiu produzir um trabalho muito apreciável. O comentário sonoro feito ao filme valorisa enormemente o quinto documentário de «O Século». Agradecemos ao jornal organizador e à Empresa do Cinema Aguia d'Ouro a gentileza do convite enviado.



## ANNY NA ALTA RODA

Durante um animado dia de Entrudo do fim do século passado, dois pândegos, Duparquet e Gaillardin encontram num centro de prazer um outro cavalheiro da mesma fôrça. Gaillardin e êste último abandonaram Duparquet, que anda mascarado de «Morcego» e está completamente embriagado, à porta dum jardim público, onde êle acorda no dia seguinte, entre os apupos dos transeuntes.

Duparquet jura vingar-se. E enquanto Gaillardin é julgado num tribunal presidido pelo seu companheiro de estúrdia da véspera, Duparquet arquitéta um plano maquiavélico. Quando Gaillardin se prepara para ir entregar-se à prisão, vai a casa dêle desafiá-lo para um baile em casa do Príncipe Orlofsky. Instado, Gaillardin aceita o convite. Mas nesse baile reúnem-se a sua criada Arlette, que finge não conhecer o patrão, e Tourillon, director da prisão, que momentos antes acaba de proceder à

captura dum tenor chamado Alfredo, o qual corteja a mulher de Gaillardin e é obrigado a fazer-se passar por seu marido para não a comprometer.

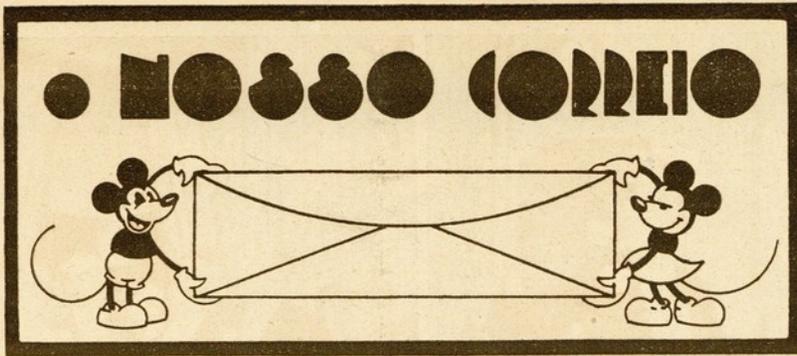
O príncipe interessa-se extraordinariamente pela galante criadinha. Gaillardin diverte-se perdidamente na companhia do seu captor... E Duparquet, a quem os encantos de Carolina Gaillardin não são indiferentes, manda chamá-la a casa, para a inteirar da linda conduta do seu esposo, que ela supõe no calaboiço...

Mascarada, Carolina endoidece o volúvel Gaillardin. A trama complica-se de minuto a minuto. E tudo aquilo acaba na prisão, no meio das mais hilariantes situações, em que o Príncipe, Arlette, Duparquet, Gaillardin, Tourillon, Alfredo, um carcereiro e um ministro são, sucessivamente, os heróis e as vítimas...



## 2.ª FEIRA NO AGUIA D'OURO

**Rato de Hotel** — Acautele-se, porque ninguém lhe diz que eu não tenho aqui um gato pronto a papá-lo... Esta secção está às ordens de todos os nossos leitores. E eu, sou um cavalheiro de paciência ilimitada, pronto a atender as vossas perguntas com o mais fotogénico dos sorrisos. Ponha no meio da rua esse medo injustificado de me vir aborrecer. Os gótos são relativos. Essa senhora gostou. Eu não. Cada qual tem as suas razões que acho por bem não alterar.— Roger Treville está à espera da sua carta (acompanhada de três a cinco francos) no boulevard Grenelle, 129, Paris, França.



**A futura Amoka** — Eu, um ingrato?!... Mas foi você quem me abandonou, deixando-me aqui a chorar lágrimas de desespero. E como não voltou, pronto, vingui-me comprometendo-me com outra. Agora só tem um recurso: deitar fora esses coturnos de lã que fez especialmente para me aquecer os pés. Mas como você é carinhosa!! E eu que não sabia disso!...

Perdão, querida amiguinha, mas eu não sou responsável pelo aspecto gráfico da revista, nem é sobre mim que devem cair reclamações... — Mas vamos cá a saber: a que foi devido o seu longo silêncio? E depois eu é que sou ingrato!...

**Matulão** — Não respondo a cartas como a sua. Por isso é melhor não perder mais tempo insistindo. Tenho dito.

**Laurinda Leite** — Então você disse que tinha tantas coisas a dizer e afinal até agora não «piou»! E depois é capaz de fazer como a D. Futura Amoka e chamar-me um nome feio, ainda por cima...

**Alfacinha cinéfilo** — Tenho uma muito vaga ideia de si. Você não usava então esse pseudónimo. Registo a sua opinião sobre *A Princesa Encantadora*, filme que, neste momento em que escrevo, ainda é desconhecido para mim. Para possuir o retrato de Kate de Nagy basta possuir um escudo e percorrer essas lojas de bugigangas que há aí pela baixa. Ou então escreva directamente à artista pedindo-lhe uma fotografia. Se mandar algum dinheiro recebe resposta com toda a certeza. A morada dela é Humboldtstrasse, 36, Berlim-Grunewald, Alemanha.

**Curioso** — Você ficou assim tão pasmado por ter ouvido dizer que a Norma Shearer «é uma mulher bestialmente linda»? Pasma-se com pouco. A palavra bestial emprega-se realmente no sentido de muitíssimo. É uma coisa consagrada pelo uso. Em todas as línguas há destas coisas engraçadas. «A língua (não confundir com o órgão muscular e móvel situado na cavidade bucal) é um fenómeno vivo, de natureza essencialmente evolutiva» escreveu Ramada Curto. Por isso não é de admirar que certos vocábulos, às significações que têm juntem mais algumas ainda que extravagantes. Estou divagando. Vamos lá a responder ao seu questionário: 1.º—Essa artista abandonou definitivamente o cinema. 2.º—É possível que passe em versão original. 3.º—Nem por isso gosto de Kay Francis. Escreva sempre, amigo, já sabe que não faça nada.

**Guidita** — Obrigadíssimo pelas florinhas que mandou com a sua carta. E' para eu lhe dar as amendo-as?...

**Um cinefilo amigo da «Invicta-Cine»** — Oh homem, amigos da «Invicta-Cine» são todos os que nos lêem. Veja se arranja para futuro um pseudónimo mais curtinho, o mais característico. Você onde tem estado? Em Marte? Em Venus? Na Lua? Então você não sabe que os filmes *Matou!* e *Congresso que dança* já foram, há muito, exibidos entre nós!?? Sempre me fazem cada pergunta! Valha-me Deus! — Não se sabe ainda se o Rivoli adaptará o sonoro. A secção de que você tanto gosta tem saído irregularmente, mas tem saído. Sempre às ordens.

**Rei da Pandega** — Perca o medo, amigo, e venha sem hesitações conversar comigo. Da nossa simpática Lilian Harvey vamos ver dentro em breve *Dois corações a compasso*. *Inspiração* com Greta Garbo será exibido no Aguiá d'Ouro. De Billie Dove nesta altura não sei nada. Também eu gosto muitíssimo mais de Willy Fritsch que de Henry Garat. Não o temos visto ao lado de Lilian Harvey porque as fitas com esta artista que têm cá passado são as versões francesas e Willy Fritsch... não sabe francês, creio eu. De acordo com as suas opiniões sobre *Ruas da Cidade*, *Marrocos* e *Rei da Graxa*. Adeus! Conto com mais visitas suas.

**Apaixonado por Lily Damita** — Ora viva! Então essa Lily continúa perturbando-o! Acho que você fazia melhor, e lucrava mais, se «se fizesse» a alguma rapariga sua conhecida e deixasse lá a Lily em paz... Os números 3 e 4 estão esgotados. Tenha paciência mas não respondo a perguntas sobre a idade e a vida íntima dos artistas. Não roubou tempo nenhum. Mande sempre. Obrigado pela amizade que tem pela nossa revista. Assim é que nós gostamos.

**Alberto** — Sim senhor, já lhe foram enviados os exemplares que deseja. Obrigado pelos parabens.

**Minoz** — Vocês aí em Ponta Delgada vão tendo cinema sonoro às prestações, mas sempre vão tendo sonoro. E' melhor do que nada. Alguns das produções que você nomeia são na verdade filmes de inestimável valor. — Não senhor, John Boles não entra em nenhuma das quatro versões de *Ressurreição*. Dolly Davis está vivinha a saltar. E se quiser ter maior certeza escreva-lhe para rue Philibert Delorme, 40, Paris. Quem foi que lhe disse que ela tinha morrido? Já estou a ver a confusão. Quem morreu recentemente foi Lilian Hall Davis mas você trocou os nomes e «matou» a simpática Dolly Davis.

**A. Gomes** — A direcção dos Studios Pathé-Natan é: 6, rue Francoeur, Paris. Sempre às ordens.

**Melisande** — Noutro dia, em conversa com uns camaradas, manifestei estranheza perante o seu longo silêncio e lamentei-me da sua falta de notícias. Você parece que adivinhou e para me tapar a boca não tardou a escrever. Não, Melisande, não me zango nada por você ter opiniões diversas das minhas. E' que eu tenho uma grande simpatia pelas pessoas que têm opiniões próprias e as sabem defender. Ainda sobre a nossa última discussão devo notar duas coisas. Primeiro, *Napoleão* é um filme recente, feito numa época em que o fonocinema já sabe por onde há-de caminhar. A *Parada do Amor* é uma obra saída daquele período de confusão em que o teatro servia de guia. Segundo: Se o A. C. acusou *L'Aiglon* de lesa-cinema, escreveu a respeito do outro filme: «não é este, precisamente, o caminho que o fonocinema deve procurar seguir e, se assim continuar agarrado ao teatro por longo tempo, poderá colher excelentes resultados financeiros mas, pelo lado artístico, ruirá desastrosamente». — Ainda não vi *Sevilha de meus amores*. Quando for exibido no Pórt, contar-lhe-ei as minhas impressões... sem influências americanofobas. O que me admirou foi saber que você não viu *Ruas da Cidade*, um dos últimos grandes triunfos do cinema americano... e tive pena que não tivesse visto *Tragédia da Mina*, uma das mais belas e mais nobres obras do cinema europeu. Creio que a direcção de Conrad Veidt que aí tem está certa. E' um pouco antiga, é certo, mas é a que eu tenho também. — Pode escrever-lhe, se quiser, ao cuidado da Film Fuhrer, 217 Friedrichstrasse, Berlim SW 68. Daí lhe remeterão a sua carta. — Até breve Melisande. Espero que não tarde muito em reaparecer por cá.

**Defensor da Verdade** — Olhe que a mentira também é precisa. Se todos nós fôssemos absolutamente sinceros, aconteceriam coisas pavorosas. Eu ainda não vi *A Cadeira da Verdade* de Ramada Curto, mas já li a peça e acho justamente que uma das coisas interessantes que encerra é mostrar a necessidade da mentira para equilibrar um mundo de hipócritas.

A nossa Lilian Harvey mora em Berlim, 16-17, Ahornallee, Alemanha. Não sei se agora costuma mandar retrato. Dantes mandava... quando mandava...

A M O K



DANSA

ENSINO TEÓRICO E PRÁTICO

DEIXOTO GUIMARÃES

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO



Porque será que certos filmes americanos, de fama já universal e de valor comprovado, tanto tempo levam a chegar a Portugal?

Quási tôdas as películas vindas de além Atlântico — e dizemos quási tôdas porque se podem contar por ano algumas raras e felizes excepções — chegam até nós sempre com um bocadinho de atrazo, não sabemos porque razões justificadas. Uma vez por outra vemos, ao mesmo tempo que os outros países europeus, algumas das boas produções saídas dos estúdios californianos. Mas é mais freqüente vermos o que a América fabrica . . . depois da Europa tôda já o ter visto.

Há excepções, não o negamos, mas as excepções . . . só confirmam a regra.

E a que é devida esta «regra»? A' muita produção americana? Talvez, porque é preciso gastar o que já cá chegou. A' largura do «grande charco» que nos separa do país dos dolars? Evidentemente que não. Ao descuido de algumas empresas distribuidoras de filmes? É possível.

Tudo isto é vago, e a pergunta que presidiu à composição desta página foi a seguinte:

Porque razão ainda não se fala em exhibir em Portugal o filme «Cimarron»?

«Cimarron» não deve ser para vocês um título desconhecido. Tem-se jalado nele freqüentemente. Não nos lembramos em que número da «Invicta Cine» do ano passado dedicamos a «Cimarron» uma página . . . e esperamos.

«Cimarron», que Wesley Ruggles dirigiu, ganha na Alemanha o terceiro lugar no inquérito do diário «Der Deutsch», inquérito feito entre individualidades de destaque, realizadores, jornalistas, actores, actrizes e escritores.

Na América «Cimarron», uma produção «R. K. O.-Radio», ganha também o inquérito do «Film Daily», ficando em primeiro lugar, com 273 votos, ao lado de «Street Scene» que só abteve 200.

Estes factos e os nomes dos intérpretes de «Cimarron», Richard Dix e Irene Dunne, são arautos a preceder um successo.

Porque não se pensa já em trazer «Cimarron» a Portugal?

## A influência do cinema sobre a jovem literatura francesa

Por ROBERT GAILLARD.

Cem inquéritos sobre a influência que podia exercer o cinema sobre as almas jovens, não tiveram por resultado senão misturar ainda mais esta psicologia do momento, em lugar de esclarecer o verdadeiro papel do cinema.

Há vinte anos falava-se da influência do teatro sobre os jovens autores de então. E, muitas vezes, as obras literárias que se diziam ser inspiradas em peças teatrais, que caíam rapidamente no olvido, não deviam nada ao teatro.

Hoje temos o cinema! O filme!

O filme, o filme mudo, essa cascata de imagens, nascera no seu aspecto artístico como fruto dum trabalho insano... E hoje pode-se falar da influência do cinema sobre a nova literatura.

Acabo de ler um livro, o primeiro dum jovem escritor, um dos mais representativos já, dentre aqueles que em 1932 atingiram os trinta anos. Esse escritor é René Davenay.

René Davenay escreveu o seu romance *Nos Femmes*, em seis anos como um realizador leva seis anos a fazer um filme.

*Nos Femmes* é um filme. Não falo da tese, que não ousarei defender, mas da técnica da construção. René Davenay compôs o seu romance como se compõe um filme; interiores e exteriores, aos quais adiciona longas horas de preguiça, necessárias a alguns minutos de criação. Frases curtas, imóveis como pequenas nuvens numa obra cinematográfica; mas frases que, pela sua sucessão, se tornam numa magnífica cascata, sintilante, viva. Esta cascata, que nos prende, nos leva ao seu sabor, nos sorve sem que nós possamos nos debater para vogar de novo à superfície, apodera-se por completo de nós.

A intriga é como um raio de sol sobre esta cachoeira cujas águas se tornam brilhantes, fluorescentes. Intensa como é, anima este livro sem o tornar longo. Um filme. Um verdadeiro filme, com todas as surpresas e todas as emoções dum imagem sem palavra. Porque René Davenay dá-nos a impressão que descreve sem se utilizar de vocábulos.

Aí está a verdadeira influência do cinema. Os longos inquéritos são inúteis. A gente lê este livro, julga e reconhece.

Que homenagem para os cinegrafistas! Que sucesso para o cinema, que, enfim, não parece mais ter necessidade da literatura para nos encantar, mas que tende a tornar-se indispensável à literatura contemporânea.

## Fantomas de novo no Cinema

(CONCLUSÃO)

carreira foi começada com um filme de terror, de aventuras criminais, *Laste Moments*, bastante aplaudido pela crítica.

Antes de mais nada, convém frisar que não se trata agora dum longa série de aventuras, como a precedente, para arrastar semanas sobre semanas o espectador ao cinema. Acabou há muito esse encadeado de histórias infinitas. E embora *Fantomas* esteja reunido em trinta e dois volumes literários, parece que Paul Féjos condensou a obra de forma a dar-nos uma visão nada inferior à primeira revelando o espírito maligno do vampiro de Paris.

O principal interprete aqui é Galland um actor francês nosso conhecido, mas muito apreciado no seu país segundo consta. A selecção para este papel foi cuidada. Pensou-se em vários artistas como Henry Bauer e no próprio René Navarre; a escolha caiu porém em Galland.

A finalizar, uma nota interessante: neste filme, Féjos utilizou um engenho qualquer que lhe permitiu cobrir as paredes carcomidas de teias de aranha em «caoutchouc». E as teias de aranha, parecendo tão insignificantes, têm um papel preponderante nestas películas.

J. ALVES DA CUNHA.

## INSPIRAÇÃO

(CONCLUSÃO)

sim um passado que lhe arruinou a vida... Ela ficará para trás, abandonada, escolho de quem amanhã todos se afastarão com desprezo... Mas assim é preciso.

E contemplando-o adormecido, abatido e cansado, carinhosa e maguadamente resignada, ela foi sincera mais uma vez na sua vida. Sem ruído, muito de leve, muito mansamente, na ponta dos pés, o coração completamente partido, Yvonne saiu do quarto modesto, saiu daquela vida onde ela tanto desejava ficar; e foi-se embora pela noite sombria, para a sua existência amarga...

O último filme interpretado pela conhecida artista Diomira Jacobine, «A Última Aventura», tem sido exibido com enorme êxito em: Roma, Veneza, Florença e Nápoles.

# BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 2 de Abril de 1932.

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 31 de Março de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 31 de Março ou 2 de Abril de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 2 de Abril de 1932.



apresenta na próxima segunda feira  
a encantadora cine-opereta,  
falada e cantada em francês,  
com música de Johann Strauss

## ANNY NA ALTA RODA

---

super fonofilme interpretado  
pela endiabrada artista  
ANNY ONDRA  
e pelo admirável actor  
YVAN PETROVITCH

UM FILME DA

AGENCIA CINEMATOGRAFICA  
H. DA COSTA, L<sup>da</sup>

---

---

PARA JÁ -- As grandes produções sonoras com  
que a casa CASTELLO LOPES, Limitada  
acaba de enriquecer o seu formidável stock:

---

---

UMA AVENTURA AMOROSA

EM FRANCÊS, COM MARIE GLORY  
E ALBERT PRÉJEAN  
REALIZAÇÃO DE WILHELM THIELE

---

---

ANJOS DO INFERNO

EM INGLÊS E ALEMÃO, COM JEANNE HARLOW,  
BEN LYON E JAMES HALL  
REALIZAÇÃO DE HOWARD HUGHES.

---

---

A VIRTUDE DE NICOLE

EM FRANCÊS  
COM ALICE COCÉA E ANDRÉ ROANNE  
REALIZAÇÃO DE RENÉ HERVIL.

---

---

A FERA AMANSADA

EM INGLÊS, COM DOUGLAS FAIRBANKS E MARY  
PICKFORD -- REALIZAÇÃO DE SAM TAYLOR.

---

---

O MISTERIO DA CASA FORTE

EM ALEMÃO, COM HARRY PIEL E DORY HOLM.  
REALIZAÇÃO DE HARRY PIEL.

---

---

O REI DA BANDA

EM FRANCÊS, COM GEORGES MILTON  
REALIZAÇÃO DE LÉON MATHOT

UMA MULHER NO PARAISO

EM FRANCÊS, COM ANNY ONDRA  
REALIZAÇÃO DE C. LAMAC

---

---

A CORRIDA PARA A LUA

(TÍTULO PROVISÓRIO)

EM INGLÊS  
COM DOUGLAS FAIRBANKS E BEBÉ DANIELS  
REALIZAÇÃO DE EDMUND GOULDING

---

---

O REI DIVERTE-SE

EM FRANCÊS, COM ÉMILE CHAUTARD  
E FRANÇOISE ROZAY. REALIZAÇÃO DE LEÓN  
D'USSEAU E HENRY DE LA FALAISE

---

---

A MULHER DE UMA NOITE

EM FRANCÊS, COM FRANCESCA BERTINI  
E JEAN MURAT  
REALIZAÇÃO DE MARCEL L'HERBIER

---

---

QUE VIUVA!

EM INGLÊS, COM GLÓRIA SWANSON  
REALIZAÇÃO DE ALLAN DWAN

---

---

NOITES DE VENEZA

EM FRANCÊS, COM ROGER TRÉVILLE, JANINE  
GUISE E LUCIEN CALLAMAND  
REALIZAÇÃO DE ROBERT WIENE

---

---